

**Costurando a missão pública: a extensão na gestão do Design de Moda do IFB**

***Sewing the Public Mission: Extension in the Management of Fashion Design***

***Cosiendo la Misión Pública: la Extensión en la Gestión del Diseño de Moda del IFB***

DOI: 10.5965/25944631022026e8138

**Francisco Nunes dos Reis Junior**

Instituto Federal de Brasília

Lattes: 5478352593371893. Orcid: 0009-0009-3271-0756.

E-mail: [francisco.junior@ifb.edu.br](mailto:francisco.junior@ifb.edu.br)

**Priscila Bosque**

Instituto Federal de Brasília

Lattes: 9442297713898115. Orcid: 0009-0001-6607-7540.

E-mail: [priscila.bosque@ifb.edu.br](mailto:priscila.bosque@ifb.edu.br)

**Suzana Curi Guerra**

Instituto Federal de Brasília

Lattes: 4628844212344471. Orcid: 0000-0002-6672-1308.

E-mail: [suzana.guerra@ifb.edu.br](mailto:suzana.guerra@ifb.edu.br)



Licenciante: Revista de Ensino  
em Artes, Moda e Design,  
Florianópolis, Brasil.

Este trabalho está licenciado sob  
uma licença Creative Commons  
Attribution 4.0 International License.

Publicado pela Universidade do  
Estado de Santa Catarina

Copyright: © 2026 pelos autores.

---

Submetido em: 04/11/2025

Aprovado em: 30/01/2026

Publicado em: 01/06/2026

## Resumo

O artigo analisa a extensão universitária como eixo estruturante da formação, da gestão e da identidade institucional no curso de Design de Moda do Instituto Federal de Brasília – Campus Taguatinga. A pesquisa, de natureza qualitativa e fundamentada no estudo de caso, examina como a extensão articula ensino, pesquisa e comunidade, constituindo-se como tecnologia social de gestão e aprendizagem. Por meio da análise de experiências como *Tessitura: Moda e Literatura*; *Costurando Talentos*; *Revista Averso*; *Quem Vê Look, Não Vê Corre!*; e *Moda e Festivais*, o estudo evidencia o papel da extensão na consolidação de uma pedagogia dialógica e emancipadora, fundamentada na comunicação freireana. Os resultados demonstram que a prática extensionista fortalece o protagonismo discente, amplia o diálogo com o território e consolida a moda como campo de transformação social, cultural e educativa. Conclui-se que a extensão, ao costurar ensino e gestão, torna-se fio condutor da missão pública da educação, reafirmando o compromisso ético, estético e político do Design de Moda com a diversidade, a sustentabilidade e o bem comum.

**Palavras-chave:** Extensão. Design de Moda. Gestão educacional.

## Abstract

*The article analyzes university extension as a structuring axis of education, management, and institutional identity in the Fashion Design program at the Federal Institute of Brasília – Taguatinga Campus. The study adopts a qualitative approach based on a case study and examines how extension activities articulate teaching, research, and community engagement, functioning as a social technology for management and learning. Through the analysis of experiences such as *Tessitura: Fashion and Literature*; *Costurando Talentos*; *Revista Averso*; *Quem Vê Look, Não Vê Corre!*; and *Fashion and Festivals*, the study highlights the role of extension in consolidating a dialogical and emancipatory pedagogy grounded in Freirean communication. The findings demonstrate that extension practices strengthen student protagonism, expand dialogue with the local territory, and consolidate fashion as a field of social, cultural, and educational transformation. It is concluded that extension, by weaving together education and management, becomes the guiding thread of the public mission of education, reaffirming Fashion Design's ethical, aesthetic, and political commitment to diversity, sustainability, and the common good.*

**Keywords:** *University extension. Fashion design. Educational management.*

## Resumen

*El artículo analiza la extensión universitaria como eje estructurante de la formación, la gestión y la identidad institucional en el curso de Diseño de Moda del Instituto Federal de Brasília – Campus Taguatinga. La investigación, de carácter cualitativo y basada en un estudio de caso, examina cómo la extensión articula la enseñanza, la investigación y la comunidad, constituyéndose como una tecnología social de gestión y aprendizaje. A través del análisis de experiencias como Tessitura: Moda y Literatura; Costurando Talentos; Revista Avesso; Quem Vê Look, Não Vê Corre!; y Moda y Festivales, el estudio pone de relieve el papel de la extensión en la consolidación de una pedagogía dialógica y emancipadora, fundamentada en la comunicación freireana. Los resultados demuestran que la práctica extensionista fortalece el protagonismo estudiantil, amplía el diálogo con el territorio y consolida la moda como un campo de transformación social, cultural y educativa. Se concluye que la extensión, al tejer la enseñanza y la gestión, se convierte en el hilo conductor de la misión pública de la educación, reafirmando el compromiso ético, estético y político del Diseño de Moda con la diversidad, la sostenibilidad y el bien común.*

**Palabras clave:** Extensión universitaria. Diseño de moda. Gestión educativa.

## 1 Dez anos de costuras institucionais

A extensão, enquanto dimensão indissociável do ensino e da pesquisa, ocupa papel central na consolidação da missão pública da educação superior. Mais do que um campo de ação complementar, ela constitui um espaço privilegiado de diálogo entre o saber acadêmico e o saber social, em que o conhecimento é construído na interação, na escuta e na transformação recíproca entre instituição e comunidade. Essa concepção aproxima-se da perspectiva freireana, segundo a qual a verdadeira comunicação educativa não se faz por transmissão, mas por encontro e coautoria. Para Freire (1983, p. 79), “não há extensão do conhecimento, há comunicação dele”; e é nesse movimento comunicativo que o fazer educativo se torna emancipador.

No campo da moda, a extensão assume contornos ainda mais significativos, uma vez que articula estética, cultura e sociedade. A prática do design de moda, quando mediada pela extensão, desloca-se de um enfoque restrito à criação de produtos e passa a envolver processos de escuta, colaboração e impacto social. Cada projeto, oficina ou ação

extensionista pode ser compreendido como um “ato de costura” simbólico, em que linhas diversas – de saberes, de experiências, de afetos – se entrelaçam na produção coletiva do conhecimento. Essa metáfora do costurar ajuda a compreender a extensão não apenas como prática institucional, mas como forma de pensar e agir em rede, produzindo sentidos compartilhados e transformando realidades.

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (SÍVERES, 2013), as instituições de ensino superior devem assumir responsabilidade social ampliada, atuando como agentes de inovação, inclusão e desenvolvimento humano. Nessa perspectiva, a extensão é compreendida como uma estratégia de articulação entre formação, pesquisa e cidadania, ao mesmo tempo em que promove a aprendizagem ao longo da vida e fortalece a relação entre o local e o global. A extensão, portanto, não é apenas uma prática pedagógica, mas uma política de integração social e de construção de conhecimento situado.

Este artigo tem como objetivo analisar a extensão como prática estruturante na formação em moda, tomando como estudo de caso o curso de Design de Moda do Instituto Federal de Brasília – Campus Taguatinga. A escolha desse caso não se dá em função de sua cronologia institucional, mas por seu caráter paradigmático: um curso que, desde sua criação, consolidou a extensão como eixo formativo, metodológico e de gestão. A partir dessa experiência, busca-se compreender como a extensão, concebida como processo comunicativo e transformador, contribui para redefinir o papel da moda na educação profissional e tecnológica e para fortalecer o vínculo entre o ensino de design e a comunidade.

A metodologia adotada é de natureza qualitativa, com base no estudo de caso (Yin, 2005), por permitir compreender a complexidade e a singularidade do fenômeno da extensão no contexto do curso analisado. O estudo de caso permite observar a prática extensionista em sua dimensão cotidiana – como ela se organiza, como é vivenciada e quais sentidos produz –, reconhecendo a teia de relações entre docentes, discentes, técnicos e comunidade. Assim, a análise parte da observação institucional e documental, aliada à reflexão teórica sobre a extensão como prática comunicativa e emancipatória, conforme propõem Freire (1983) e Síveres (2013)

Ao considerar o curso de Design de Moda do IFB como campo empírico, o artigo busca evidenciar como as práticas extensionistas têm sido centrais para a consolidação da identidade pedagógica do curso, impactando a formação dos estudantes e a própria concepção de gestão acadêmica. A extensão, nesse contexto, atua como fio condutor entre o fazer criativo e o agir social, costurando ações, projetos e experiências que transcendem os limites do campus e reverberam na comunidade. Projetos como oficinas, exposições, eventos culturais e parcerias configuram-se como espaços de diálogo que ressignificam o papel da moda na educação pública, transformando-a em ferramenta de inclusão, diversidade e inovação social.

Dessa forma, a análise proposta pretende contribuir com o debate sobre a gestão dos cursos de design de Moda enfatizando a importância da extensão como campo estratégico para a formação integral e para a materialização dos princípios que regem a educação superior como bem público, inclusivo e transformador. A costura, enquanto metáfora e método, sintetiza esse processo: fios que se entrelaçam, pontos que se ajustam, tramas que se refazem — uma construção coletiva e contínua, em que a extensão se afirma como o tecido vivo da formação em moda.

## 2 Os tecidos: o lugar e as pessoas

O curso de Design de Moda do Instituto Federal de Brasília — Campus Taguatinga está inserido em um território profundamente marcado pela diversidade social, cultural e econômica. Taguatinga e seu entorno — Ceilândia, Samambaia, Guará e demais regiões administrativas próximas — formam um mosaico urbano que concentra o maior polo comercial e produtivo de vestuário do Distrito Federal. Como descreve o Projeto Pedagógico do Curso (PPC), trata-se de uma região “caracterizada pela forte presença de micro e pequenas indústrias de confecção, lojas de matérias-primas e profissionais autônomos ligados à moda autoral e artesanal” (INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA, 2023, p. 10)

Essa localização confere ao curso uma relação orgânica com o território e suas práticas produtivas. O IFB, enquanto instituição pública de educação profissional e tecnológica, atua como espaço de mediação entre os saberes acadêmicos e os saberes locais, costurando o ensino de moda às realidades vividas pela comunidade. Nesse sentido, o território não é apenas o cenário

das ações formativas, mas o próprio tecido onde a aprendizagem se constrói – uma superfície em constante diálogo com a cidade e com seus sujeitos.

O corpo discente que compõe o curso reflete essa multiplicidade social. Estudantes de diferentes idades, trajetórias e repertórios coexistem em um mesmo espaço formativo: jovens recém-egressos do ensino médio dividem sala com adultos que retornam aos estudos após anos de experiência profissional, mães e pais que conciliam trabalho, família e formação, artesãos, costureiras, empreendedores e pessoas em busca de reinvenção. Conforme registra o PPC, o curso “acolhe sujeitos de trajetórias múltiplas, cujos repertórios culturais e práticos contribuem para uma formação coletiva, dialógica e situada” (INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA, 2023, p. 83)

Essa diferença – frequentemente percebida como desafio por instituições voltadas a públicos mais homogêneos – é, no contexto do IFB, fonte de potência criativa e política. É da mistura de idades, experiências e visões de mundo que emergem novas leituras sobre a moda e sobre o papel do design na sociedade. O diálogo entre o saber técnico e o saber empírico, entre o domínio das ferramentas digitais e a prática manual, transforma-se em valor formativo. A heterogeneidade, portanto, não fragiliza o processo pedagógico; ao contrário, amplia seu alcance, tornando-o mais plural, democrático e socialmente enraizado.

Diante dessa realidade, a gestão do curso precisou se reinventar. Além do exercício administrativo, a gestão passou a operar uma prática educativa viva, orientada pela escuta e pela coautoria com o corpo discente. Esse processo implicou flexibilizar estruturas, ajustar fluxos e reconhecer que o conhecimento se constrói no encontro de sujeitos, saberes e contextos. Em consonância com Freire (1983), entende-se que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (p. 78). Assim, a gestão assume um caráter dialógico e inclusivo, que reconhece o estudante como sujeito ativo na construção do curso.

Nesse contexto, a extensão consolidou-se como o principal eixo articulador entre gestão, ensino e comunidade. O PPC do curso define a

extensão como “processo interdisciplinar, educativo, político, social, científico, esportivo, artístico, cultural e tecnológico, que articula ensino e pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre o IFB e os outros setores da sociedade” (INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA, 2023, p. 65). Essa definição materializa o compromisso institucional de promover uma formação crítica e socialmente implicada, alinhada à concepção da Síveres (2013) de que as instituições de ensino superior devem fomentar a inovação, a inclusão e o desenvolvimento humano sustentável.

No curso de Design de Moda do IFB, a extensão se consolida antes mesmo de se tornar componente curricular obrigatório – determinada pela Resolução CNE nº 7/2018 – e torna-se prática de gestão e de formação. Projetos extensionistas são concebidos como espaços de aprendizado e corresponsabilidade, em que o diálogo com a comunidade orienta as decisões pedagógicas e a própria dinâmica institucional. Iniciativas como os projetos desenvolvidos no curso de moda do IFB exemplificam a extensão como política de integração e como prática de escuta social, promovendo o protagonismo estudantil e a valorização das identidades locais.

O protagonismo estudantil, nesse contexto, é compreendido como prática de autonomia e de corresponsabilidade, em consonância com a pedagogia freireana, que valoriza o sujeito como produtor de conhecimento. Como afirma Freire (1983, p. 79), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou construção”. No curso de Design de Moda, tais possibilidades emergem quando os alunos são incentivados a atuar como coautores das ações institucionais, experimentando a gestão, a criação e a mediação cultural como dimensões integradas de sua formação.

Desse modo, a extensão no curso de Design de Moda do IFB constitui-se como uma prática de gestão social do conhecimento. Ela faz do curso um organismo vivo, sensível às transformações do território e às vozes de seus sujeitos. A diversidade discente, longe de representar uma limitação, converte-se em energia criadora, em força estética e política que impulsiona novas formas de ensinar, aprender e gerir. A gestão, assim, é também ato de costura: feita a muitas mãos, entre fios de diferentes

espessuras e cores, que juntos tecem o tecido plural da educação pública, democrática e transformadora.

### 3 A extensão como política de gestão

No IFB, a extensão não é apenas um eixo curricular, mas uma das formas de gestão adotadas. A extensão é estratégia de legitimação institucional, dispositivo de visibilidade pública e método de aprendizagem ativa e se consolida como uma ferramenta de gestão multifacetada, com impactos significativos tanto no âmbito interno da instituição quanto nas organizações e na sociedade em geral.

A extensão exerce uma função estratégica na gestão do conhecimento, pois atua como um elo que absorve as demandas e os problemas reais do meio social, realimentando e direcionando o ensino e a pesquisa para a produção de soluções mais relevantes e aplicáveis, o que constitui uma forma de gestão estratégica da produção acadêmica.

A implementação e a coordenação de programas e projetos extensionistas requerem a gestão eficaz de recursos humanos, financeiros e materiais, desenvolvendo, nos docentes, discentes e técnicos envolvidos, competências gerenciais essenciais, como planejamento, organização, controle e monitoramento. A necessidade de sistematizar, monitorar e avaliar essas ações, em conformidade com as políticas de extensão, impulsiona a melhoria contínua dos processos de gestão interna da função extensionista e fortalece a reputação institucional por meio da visibilidade e do impacto social positivo dos projetos realizados.

Externamente, a extensão universitária opera como um potente instrumento de gestão ao facilitar a transferência de conhecimento técnico e científico para a sociedade. Isso se manifesta na capacitação de recursos humanos em diversas áreas de gestão — por meio de cursos, oficinas e consultorias — e na transferência tecnológica que estimula a inovação e o aprimoramento de processos produtivos e gerenciais em empresas, cooperativas e órgãos públicos.

Ao promover a indissociabilidade entre teoria e prática e ao engajar-se ativamente na resolução de problemas concretos, a extensão não apenas

cumpra seu papel social, mas também se estabelece como um vetor essencial para aprimorar a capacidade de gestão em múltiplos níveis e contextos.

Sob a ótica do discente extensionista, a participação nas atividades de extensão configura-se como uma experiência de grande importância para sua formação, transcendendo os limites da escola e do currículo formal. O contato direto com a realidade social complexa e multifacetada impulsiona o aprendizado, permitindo que o conhecimento teórico adquirido em sala de aula seja testado e validado em cenários práticos, resultando em uma aprendizagem significativa e contextualizada. Nesse processo dialógico e transformador, o estudante desenvolve um senso de capacidade e eficácia pessoal, ao constatar a aplicabilidade e o impacto de sua formação na solução de problemas concretos. Este engajamento prático oportuniza o reconhecimento mútuo e o sentir-se “visto” como um agente ativo na produção de conhecimento e na promoção de transformações sociais, o que é crucial para o seu desenvolvimento pessoal, cidadão e profissional. A superação dos desafios inerentes à ação extensionista e a percepção de que seu trabalho gera valor fora dos muros da universidade contribuem substancialmente para o fortalecimento da autoestima e para o reconhecimento de si como um profissional em formação eticamente comprometido e tecnicamente competente.

## 4 As tramas da extensão

### 4.1 Tessitura: Moda e Literatura

O projeto Tessitura ilustra a articulação indissociável entre ensino, pesquisa e extensão, fundamentais para a gestão curricular contemporânea no design de moda e evoca a união estrutural de fios para formar um tecido, ou de palavras para compor um texto, simbolizando aqui a coesão do tripé acadêmico. Adotando uma abordagem qualitativa, o estudo de caso enfoca a concepção e execução da disciplina optativa “*Tessitura: Moda e Literatura*”, desenvolvida no Curso de Design de Moda do Instituto Federal de Brasília (IFB), com o objetivo de sistematizar práticas docentes integradoras.

A gestão do curso foi central na concepção desta disciplina de 120 horas-aula, que buscou superar a carência percebida pelos docentes responsáveis em oferecer aos estudantes de final de curso a vivência de um projeto completo, desde a ideação até a execução final. Assim, a disciplina foi estruturada sob a perspectiva da Aprendizagem Baseada em Projeto, técnica que enfatiza o protagonismo discente e o desenvolvimento integral do projeto, sendo dividida em três etapas interligadas, com acompanhamento e avaliação contínua dos professores por meio de uma sala virtual de registro.

O ciclo pedagógico iniciou-se com o momento projetual, onde foram exploradas as conexões entre moda e literatura. O clássico naturalista “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo (1890), foi o ponto de partida. O problema de projeto foi lançado: “quem seriam essas mulheres em 2023?”. Os estudantes realizaram um estudo aprofundado de seis personagens femininas — Bertoleza, Estela, Piedade, Pombinha, Rita Baiana e Zulmira — e as reescreveram como “personas” contemporâneas situadas em Taguatinga, Região Administrativa de Brasília. Este exercício, que contou com o suporte de aulas de literatura, resultou na criação de perfis psicológicos e descritivos atualizados para a concepção de roupas<sup>1</sup> (e não figurinos) que traduzissem suas novas realidades.

A segunda fase focou na execução e produção, abrangendo a modelagem e confecção das peças. Os grupos foram responsáveis por escolher entre modelagem plana e *moulage*, definindo matéria-prima e finalizando o processo de costura, demonstrando a aplicação de habilidades técnicas diversas.

O ponto culminante da experiência e o eixo central da articulação com a extensão universitária foi a terceira etapa: o planejamento e a realização de uma exposição. Com o objetivo de garantir a difusão do conhecimento e da tecnologia desenvolvida pelo curso para a comunidade externa, após o encerramento da disciplina, as peças produzidas foram o cerne de um projeto de extensão, intitulado “Tessitura de Ontem e Hoje: O Cortiço em 2023”, que permitiu a participação de outros alunos do curso na montagem e monitoria da mostra.

---

**1** Neste estudo, adota-se a distinção conceitual entre *roupas* e *figurinos*. Enquanto o figurino está associado à construção narrativa cênica e performática, a roupa, no campo do design de moda, é compreendida como objeto de uso social, cotidiano e simbólico, inserido em contextos reais de circulação, consumo e identidade.

Figura 1: As personagens Rita Baiana, Estela e Piedade



Fonte: Acervo dos autores, 2023.

Figura 2: Bertoleza, Zulmira e Pombinha.



Fonte: Acervo dos autores, 2023.

A extensão, vista aqui como um processo de comunicação transformadora, promoveu o protagonismo discente na gestão da exposição, que incluiu o projeto de expografia e cenografia, a organização de textos e materiais, a divulgação para a imprensa, a organização da abertura e a escala de

monitores. A cenografia, que incorporou painéis artísticos de aprofundamento das personagens e varais com alusão à obra original, traduziu a união entre o passado literário e o presente de Taguatinga. Este contato direto com o público externo, em espaços como o Espaço Cultural Renato Russo e o Sebrae LabDay Moda, proporcionou ao aluno extensionista a percepção clara do alcance social de seu trabalho, possibilitando-lhe interagir com a comunidade, acolher feedbacks e vislumbrar o valor da sua instituição e de seu conhecimento. Tal experiência é crucial para que o estudante se reconheça como um produtor de conhecimento e um agente de transformação, elevando sua autoestima e consolidando um perfil profissional de alta competência técnica e forte engajamento cívico.

Ao final, o projeto demonstrou a riqueza da execução integrada do tripé acadêmico, não apenas cumprindo o papel pedagógico do curso, mas também atuando como um modelo prático de curricularização da extensão, em consonância com as diretrizes da Resolução CNE 17/2018, e fornecendo valiosos insights para a gestão e aprimoramento contínuo das práticas docentes no Design de Moda. O registro sistemático de todas as fases, por meio de ferramentas virtuais, também facilitou a gestão da pesquisa, que culminou na produção de um portfólio completo do trabalho.

## 4.2 “Costurando Talentos” no Desafio Sou de Algodão

O projeto de extensão “Costurando Talentos” buscou articular a formação discente com as demandas da indústria por meio do Desafio Sou de Algodão + Casa de Criadores. A iniciativa demonstra como a gestão educacional pode transformar um concurso de âmbito nacional em um robusto dispositivo pedagógico e de extensão, consolidando a indissociabilidade entre academia e sociedade.

A proposta de gestão do curso consistiu em incorporar o Desafio – o maior concurso brasileiro para estudantes de moda autoral, focado no uso do algodão – como um percurso formativo estruturado. Em vez de se limitar a incentivar a participação individual dos alunos, o curso estabeleceu um projeto de extensão formal que forneceu o suporte técnico, a mentoria docente e a articulação institucional necessários para que os estudantes pudessem competir em condições de excelência. Esta abordagem

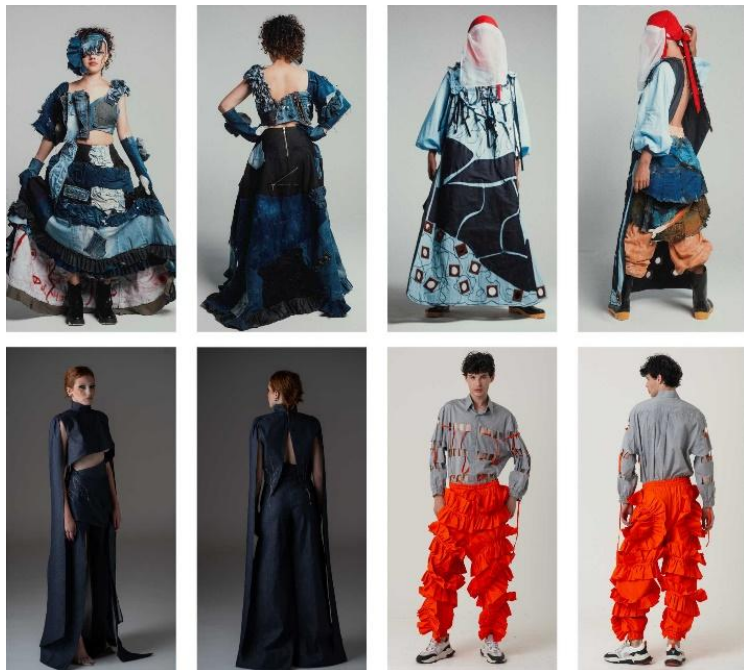
estratégica foi fundamental para otimizar os recursos internos e potencializar os talentos emergentes.

O sucesso da iniciativa fundamentou-se em uma eficiente gestão de parcerias. O projeto se desenvolveu em colaboração estratégica com o SENAI - DF e o SINDIVESTE - DF, além do próprio movimento Sou de Algodão. Essas alianças permitiram a disponibilização dos insumos têxteis para os estudantes e a garantia de suporte técnico de modelagem e costura, mitigando as limitações financeiras e estruturais que frequentemente desafiam a produção acadêmica. A mentoria docente, por sua vez, garantiu o rigor conceitual e a adequação técnica, transformando a competição em um rico processo de pesquisa aplicada e desenvolvimento de coleção.

A essência do projeto reside na sua dimensão de extensão universitária ao promover a formação de designers não apenas tecnicamente competentes, mas profundamente conscientes de seu papel social. O foco no algodão brasileiro estimula a reflexão sobre a sustentabilidade, a rastreabilidade e a responsabilidade socioambiental na cadeia produtiva da moda, temas cruciais para a construção de uma indústria mais ética. Ao participar do Desafio, os estudantes foram motivados a aplicar integralmente os saberes adquiridos, desde a pesquisa de tendências e moodboard até a modelagem, a confecção do look protótipo e a apresentação profissional de um portfólio de coleção.

Os resultados concretos atestam a eficácia da abordagem. Na última edição do Desafio, o projeto “Costurando Talentos” logrou inscrever seis estudantes, dos quais cinco alcançaram a fase semifinalista e uma consagrou-se como finalista nacional, garantindo o prestigiado desfile de uma coleção completa na Casa de Criadores. Este desempenho notável não só validou a metodologia pedagógica e a gestão curricular adotada, como também proporcionou visibilidade imediata aos jovens talentos em um dos palcos mais importantes da moda autoral brasileira. O projeto reafirma que a extensão, quando estrategicamente articulada à gestão educacional, não é apenas um complemento curricular, mas sim um caminho privilegiado e replicável para a formação de profissionais críticos, criativos e engajados com uma moda mais responsável e cidadã.

Figura 3: Looks semifinalistas dos estudantes do IFB no 3º Desafio Sou de Algodão.



Fonte: Autoria dos looks, da esquerda para a direita, de cima para baixo: Maria Luiza Miranda (fotos de Gabriel Pinheiro - 2024), Jesus Cutrim Miranda (fotos de Gabriel Pinheiro - 2024), Maria Letícia Amorim (fotos de Gabriel Tenório - 2024) e Lucas Sertifa (fotos de Leandro Ramos - 2024).

Figura 4: Trabalho da estudante do IFB Julia Theophilo, finalista no Desafio Sou de Algodão

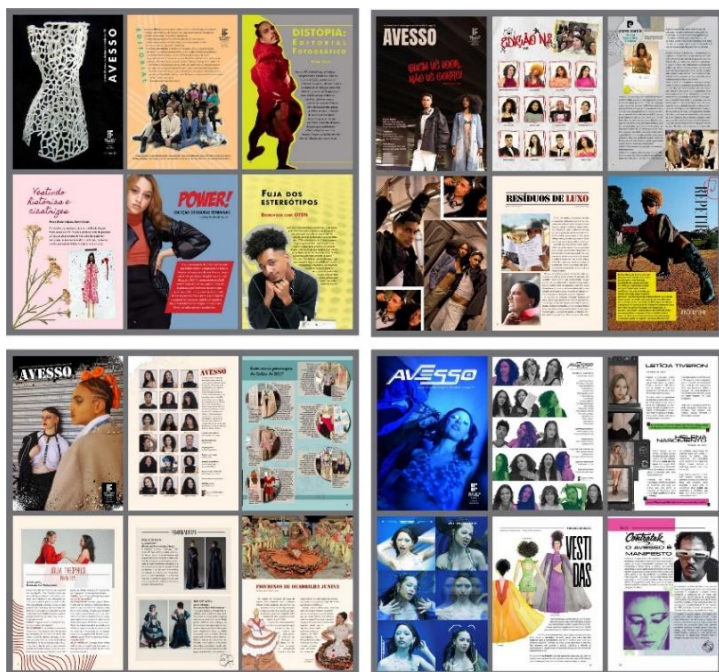


Fonte: Na parte esquerda, look finalista de Julia (fotos de Gabriel Pinheiro - 2024). A direita, foto das peças finais, antes do desfile (foto de Agência Fotosite - 2024).

### 4.3 Revista Avesso

A Revista Avesso é um projeto editorial desenvolvido no desde 2022 na disciplina de Planejamento Visual Gráfico. O projeto não é apenas uma atividade acadêmica, ele se constitui como uma ferramenta de gestão curricular e de extensão, fundamental para a formação de agentes criativos e a ampliação de narrativas no universo da moda para além dos eixos hegemônicos.

Figura 5: Páginas da Revista Avesso



Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

A gestão do curso se manifesta na incorporação da revista como um laboratório prático que articula moda, mídia e educação. A Avesso nasceu com uma estrutura que simula uma redação profissional, onde os estudantes assumem democraticamente diferentes funções editoriais. Essa organização gerencial é também pedagógica, permitindo que os discentes vivenciem na prática os complexos processos de mediação e midiatização da moda, preparando-os para as exigências reais do mercado de comunicação. O nome da revista, escolhido pelos próprios alunos, é simbólico: evoca a proposta de mostrar o reverso do processo criativo, as “entranhas” da produção acadêmica e as perspectivas muitas vezes

invisibilizadas no universo *fashion*, deslocando o olhar para as periferias geográficas e simbólicas.

Como iniciativa de extensão e formação, a *Avesso* demonstra um caráter profundamente transformador. Ao integrar a teoria do planejamento visual gráfico com a prática da produção editorial – um processo que os estudantes descrevem como muito enriquecedor –, o projeto não apenas desenvolve competências técnicas, mas também estimula a reflexão crítica sobre consumo, diversidade e representatividade, que fazem parte da linha editorial da revista. Para os estudantes, majoritariamente oriundos de contextos periféricos, a experiência de ver o resultado final de um projeto tão potente confere um forte sentimento de pertencimento e capacidade, atuando diretamente no fortalecimento da autoestima e no reconhecimento de seu potencial como produtores culturais. O editorial “*Quem Vê Look, Não Vê Corre!*”, por exemplo, ilustra como a revista funciona como um espaço de autoafirmação, articulando as vivências de luta dos estudantes com a linguagem da moda. A revista, com suas edições que amadurecem progressivamente em qualidade técnica e profundidade conceitual, de fato enriquece os portfólios discentes e desmistifica etapas complexas da vida acadêmica, como o Trabalho de Conclusão de Curso.

Figura 6: Editorial *Quem Vê Look, Não Vê Corre!* da segunda edição da *Revista Avesso*



Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Do ponto de vista da gestão e sustentabilidade do projeto, a Avesso enfrenta desafios que, paradoxalmente, potencializam a criatividade. A limitação de recursos – que resulta em pequenas tiragens impressas e ampla divulgação digital – estimula a criatividade e o desenvolvimento de soluções inovadoras. Além disso, o trabalho colaborativo, embora gere tensões e conflitos inerentes a qualquer equipe de criação, é encarado como um aprendizado essencial para a atuação no mercado. Contudo, a dependência estrutural de uma única disciplina e da liderança de uma professora específica sinaliza a necessidade de uma gestão institucional mais robusta, que garanta a perenidade do projeto sem que ele perca sua essência pedagógica e colaborativa, e soluções estão sendo discutidas para a manutenção do projeto.

A *Revista Avesso* materializa a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, transformando-se em um veículo de mídia que também é educativo. Ela não apenas prepara profissionais tecnicamente competentes em comunicação de moda, mas os posiciona como agentes críticos, capazes de produzir contranarrativas e de construir uma moda mais plural e consciente, que reflete a diversidade brasileira, cumprindo assim uma dupla função de gestão do conhecimento aplicado e de transformação social.

#### 4.4 “Quem Vê Look, Não Vê Corre!”

O projeto de extensão “Design de Moda: Dez Anos” também foi uma estratégia de gestão do curso e de engajamento extensionista. A culminância deste projeto, a exposição “*Quem Vê Look, Não Vê Corre!*”, marcou o início das comemorações dos dez anos do curso, que foi lançado no segundo semestre de 2015. A iniciativa reflete o papel da extensão universitária como ferramenta de aproximação entre a academia e a sociedade.

A gestão do curso utilizou o projeto como uma ferramenta de promoção e validação do currículo. Em parceria com o JK Shopping, o projeto teve como objetivos primários a divulgação do curso de Design de Moda do IFB e a aproximação entre a academia, o mercado e a sociedade. A exposição ocorreu entre 28 de novembro de 2024 e 31 de janeiro de 2025, reuniu uma curadoria de trabalhos de estudantes desde as primeiras turmas até

as mais recentes, incluindo criações de sala de aula, figurinos, peças para uso pessoal, e Trabalhos de Conclusão de Curso.

Figura 7: Imagens da exposição *Quem Vê Look, Não Vê Corre!*, no JK Shopping



Fonte: JK Shopping, 2024.

O processo de extensão foi o motor central do projeto. A gestão da exposição, que contou com a união de estudantes e professores na articulação institucional, produção, expografia e montagem, buscou proporcionar aos discentes a oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos e de terem seus trabalhos divulgados para além dos limites da escola. A exposição materializou-se com 15 manequins em exposição, além de trabalhos audiovisuais, como fashion films e bastidores de editoriais e a exibição de pesquisas acadêmicas. A curadoria da exposição também destacou o sucesso do curso em concursos de relevância nacional e internacional, como o Desafio Sou de Algodão e o Pierre Cardin Young Designers Contest, com duas alunas finalistas em 2023.

Um dos pilares da ação extensionista foi a capacitação do público interno e externo por meio de oficinas temáticas. Ministradas pelos próprios alunos, as oficinas abordaram os temas: Linguagem Visual em Moda; Moda Decolonial e Customização; Vitrinismo/Visual Merchandising; e Consultoria de Imagem e Estilo. Esta atividade reforça a extensão como um canal de transferência de saberes, além de proporcionar aos estudantes uma valiosa experiência em docência e gestão de conhecimento.

A exposição, que inaugurou com o lançamento da terceira edição da *Revista Avesso*, promoveu uma experiência interativa com *paper toys* e um painel instagramável, simbolizando a atmosfera criativa e inovadora do curso. O projeto “*Quem Vê Look, Não Vê Corre!*” é, em essência, a consolidação da extensão como uma prática que não apenas cumpre seu papel social, mas atua estrategicamente na gestão da imagem institucional e na qualificação profissional dos estudantes, ao colocá-los como designers e difusores de conteúdo.

#### 4.5 Moda e Festivais

Outro projeto de grande relevância surgiu da disciplina optativa “*Festivais e Contracultura: alternativas para a moda*”, ofertada em 2024, como um modelo de gestão curricular que integra as dimensões da sustentabilidade e da extensão universitária. A proposta emergiu de uma reflexão pedagógica sobre a crise ambiental e a necessidade de fomentar a economia criativa através do reuso de materiais, utilizando como matéria-prima o descarte dos tecidos da cenografia do festival CoMA (Consciência, Música e Arte) de 2024.

A gestão do curso demonstrou-se eficaz ao estruturar a disciplina em torno de um desafio prático e atual: a criação de moda consciente e inovadora. A metodologia, organizada nas etapas de criação, produção e divulgação, garantiu o alinhamento entre o aprofundamento teórico e a execução técnica. A fase de Criação exigiu dos estudantes uma imersão na história dos festivais e da contracultura, resgatando movimentos de resistência política e cultural que influenciaram a moda, desde os anos 1960 até o streetwear contemporâneo. Cada um dos seis grupos analisou um festival específico (como Afropunk, Mamba Negra e Glastonbury), elaborando conceitos, moodboards e esboços para desenvolver dois looks – um conceitual e um comercial – sob a exigência de que ao menos 80% da matéria-prima fosse proveniente dos tecidos reaproveitados do CoMA.

A etapa de produção foi o ponto em que a gestão de materiais limitados se tornou um motor de inovação. Os estudantes tiveram que desenvolver e adaptar modelagens planas e tridimensionais às características dos tecidos reutilizados, superando limitações ergonômicas e materiais para criar peças originais. Os resultados revelaram a capacidade dos estudantes de traduzir a urgência climática em criações de alto nível, como o vestido que se

transforma em bolsa, e de explorar a funcionalidade e o valor estético do reuso, gerando novas oportunidades para a economia criativa local. A diversidade de temas – do afrofuturismo e streetwear do Afropunk ao experimentalismo do Lollapalooza – demonstrou a riqueza do repertório cultural mobilizado.

O ápice da articulação com a extensão universitária ocorreu na fase de divulgação e na posterior projeção pública do trabalho. Esta etapa focou no registro e na comunicação profissional dos projetos, culminando na produção de editoriais fotográficos, fashion films e portfólios completos. A rigorosa documentação de todas as fases, desde a pesquisa inicial até os moodboards de cabelo e maquiagem, assegurou que o trabalho tivesse valor técnico e comunicacional. Os resultados alcançados transcenderam a sala de aula, gerando um concurso, um desfile e uma exposição em parceria com o JK Shopping em agosto de 2025, além de outra exposição no evento ConectaIF, em outubro do mesmo ano.

Figura 8: Imagens do desfile *Moda e Festivais*



Fonte: JK Shopping, 2025.

A relevância deste projeto reside na sua capacidade de transformar resíduos de cenografia em recurso pedagógico e criativo, alinhando a

formação em Design de Moda aos princípios de sustentabilidade e responsabilidade socioambiental. Ao vivenciarem todo o ciclo de vida do produto, desde o reaproveitamento até a apresentação pública, os estudantes não apenas aprofundam seus conhecimentos técnicos e artísticos, mas também se posicionam como agentes de transformação, utilizando a moda como linguagem política e cultural que dialoga com as crises e as resistências da contemporaneidade. O projeto “*Moda e Festivais*” demonstra, portanto, um modelo de gestão curricular, onde a extensão é o veículo fundamental para validar o conhecimento acadêmico no cenário social e profissional.

## 5 Gestão e extensão: uma trama bem fechada

As ações de extensão, quando assumidas como eixo estruturante do projeto pedagógico, não se limitam à dimensão prática ou social do ensino: elas instauram um modo de gerir e de pensar o curso. No caso do Design de Moda do IFB – Campus Taguatinga, a extensão tem produzido um movimento de retroalimentação institucional – um ciclo em que a experiência no território retorna como reflexão, método e política. O curso deixa de ser apenas um espaço que ensina moda para tornar-se, ele próprio, um experimento de gestão dialógica, criativa e sensível, em que os aprendizados da prática pública reconfiguram continuamente as estratégias internas de ensino e coordenação.

Esse processo dá corpo ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, reforça que o ensino superior deve constituir-se como um campo de produção compartilhada de conhecimento e de transformação social. Nesse modelo, a extensão não ocupa um lugar periférico na formação, mas atua como mecanismo epistêmico que devolve à gestão os efeitos e as aprendizagens de suas próprias ações. Ao articular o fazer e o pensar, a ação e a análise, o curso constrói um sistema de autorreflexão permanente – uma gestão viva, que aprende com o que realiza.

O evento de moda Interfashion Brasília representa, nesse contexto, uma síntese paradigmática dessa maturidade institucional. Ao ser convidado para o talk “Quem viu look, viu história: dez anos de Design de Moda no IFB” em um grande evento de moda, o curso não apenas comemorou sua

trajetória, mas consolidou uma identidade pública que associa o IFB à formação de profissionais críticos e criativos no Distrito Federal. O evento permitiu observar um duplo retorno: de um lado, o reconhecimento social da relevância do curso; de outro, a autopercepção institucional de que sua força reside na capacidade de dialogar com o território. No mesmo evento, que ocorreu em agosto de 2025, o lançamento da mais recente edição da *Revista Avesso* reafirmou a extensão como espaço legítimo de produção científica e difusão cultural — um lugar onde o pensamento de moda se faz público, acessível e reflexivo.

A consolidação da *Revista Avesso* como veículo acadêmico de referência revela como a prática extensionista pode gerar capital simbólico e cognitivo para o curso, fortalecendo sua legitimidade e estimulando novos modos de produção intelectual. Esse retorno à gestão se expressa não apenas na visibilidade conquistada, mas na ampliação de uma cultura de pesquisa e autoria entre estudantes e professores. A experiência extensionista, nesse sentido, transforma-se em dispositivo formativo e político, que ensina o curso a pensar sobre si mesmo e a repensar continuamente sua função social.

Outro fruto dessa retroalimentação é o estabelecimento de parcerias e doações com empresas e instituições culturais — como Dane-se, Festival CoMA, Festival de Cinema de Brasília e Semana de Inovação —, que passaram a buscar o IFB para cooperações, ações conjuntas e doações de materiais. Esses vínculos indicam que o curso é percebido como um ator institucional confiável, competente e socialmente engajado. As doações de tecidos, destinadas à reutilização em projetos pedagógicos, ilustram uma sustentabilidade material e simbólica: o reaproveitamento de materiais converte-se em metáfora do próprio modo como o curso opera — reaprendendo com o que é dado, ressignificando o descartado e tecendo novas possibilidades a partir de restos e sobras. Essa prática reforça o compromisso ético e ambiental da instituição e demonstra como a extensão gera valores que se reabsorvem na gestão, informando decisões sobre políticas de sustentabilidade, inclusão e uso racional de recursos.

De acordo com Farias, Rodrigues e Cardoso (2019), a extensão seria uma ferramenta para a aprendizagem ativa no ensino superior, capaz de desenvolver a consciência cidadã e a responsabilidade social dos

estudantes. Essa concepção reflete-se integralmente na experiência do curso, em que a gestão reconhece a extensão como espaço privilegiado de aprendizagem institucional – não apenas para discentes, mas para o corpo docente e técnico. O aprendizado produzido nos projetos retorna sob a forma de metodologias, parcerias e práticas de gestão compartilhada, convertendo-se em conhecimento organizacional.

Conforme analisa Pessoa e Zappe (2025), a extensão universitária se define como um processo de mão dupla entre instituição e sociedade, de onde emergem trocas materiais e simbólicas que redimensionam o papel da universidade como agente social. Esse caráter de mão dupla se manifesta com clareza na trajetória do curso de Design de Moda do IFB: cada ação no território retorna com novos sentidos, demandas e parcerias que alimentam a estrutura interna. A extensão, assim, não é um braço externo da gestão, mas o seu próprio coração pulsante – o lugar onde o curso ouve, age e aprende. Essa capacidade reflexiva transforma o curso em organismo vivo, cuja força reside na plasticidade e na escuta. A gestão, ao se deixar afetar pelos resultados das ações extensionistas, passa a atuar de modo dialógico e colaborativo, configurando-se como gestão democrática, em que decisões se costuram coletivamente, a partir da experiência partilhada. Esse modelo aproxima-se da pedagogia freiriana, que compreende o diálogo como condição da aprendizagem e a comunicação como prática de liberdade (FREIRE, 1983). Ao integrar a escuta como princípio de gestão, o curso incorpora a própria ética da extensão como método de governo institucional.

Por fim, esse retorno da extensão à gestão tem repercussões que transcendem o curso. O Instituto Federal de Brasília passa a ser reconhecido no Distrito Federal como referência pública na formação de profissionais criativos e críticos, capazes de articular técnica, estética e compromisso social. A extensão, nesse contexto, é o fio que costura o reconhecimento externo ao fortalecimento interno, unindo território e instituição em uma mesma tessitura. Quando o curso devolve à comunidade o conhecimento que produz e recebe dela o sentido de sua existência, cumpre plenamente sua função social e política como instituição pública: formar sujeitos para transformar o mundo.

## 6 Considerações finais

Este estudo demonstra que a extensão universitária, quando assumida como eixo estruturante da formação e da gestão, opera como tecnologia social capaz de articular ensino, pesquisa, território e política institucional. A experiência do curso de Design de Moda do IFB evidencia contribuições teóricas ao reforçar a perspectiva freireana da extensão como comunicação e coautoria, e contribuições práticas ao apresentar modelos replicáveis de gestão curricular, projetos extensionistas integrados e parcerias institucionais sustentáveis. Ao reposicionar a moda como campo crítico e socialmente implicado, o artigo amplia o debate sobre a missão pública da educação superior e oferece subsídios para outras instituições que buscam integrar extensão, gestão democrática e formação emancipadora.

Gerir um curso de moda, a partir de uma escolha política pela extensão, é um gesto meticuloso, quase artesanal. Nem todas as gestões acadêmicas adotam esse caminho como premissa estruturante; no entanto, no curso de Design de Moda do IFB – Campus Taguatinga, essa opção tornou-se fundamento ético, pedagógico e institucional. A gestão, nesse contexto, não se reduz a processos administrativos, mas configura-se como prática simbólica e material, atravessada por subjetividades, negociações e afetos.

Essa metáfora do fazer manual traduz o caráter reflexivo e político da gestão no campo da moda. Gerir um curso que se ancora na extensão é costurar políticas públicas, práticas pedagógicas e ações culturais em uma mesma superfície. É articular demandas da comunidade, diretrizes institucionais e o exercício da autonomia criativa de docentes e discentes. É, ainda, compreender que a educação pública não se sustenta somente por normas, mas também por processos entrelaçados e persistentes, que são tecidos com o tempo e com as pessoas. Nesse sentido, o fazer artesanal é também um fazer político: reconhece o valor do trabalho cotidiano, da construção partilhada e da produção de sentido como ato de resistência frente às lógicas produtivistas e mercadológicas que frequentemente atravessam o ensino da moda.

A trajetória do curso de Design de Moda do IFB – Campus Taguatinga revela que a extensão é o espaço onde o curso se reconhece, se legitima e

se reinventa. É na interação com o território e com a comunidade que o curso reafirma seu compromisso com a missão pública da educação. A cada projeto desenvolvido — seja uma exposição, uma oficina, um editorial — a extensão reconfigura a relação entre ensino e sociedade, transformando o curso em um organismo que respira, aprende e se transforma com o entorno. Ao tornar visíveis as vozes e os saberes que antes permaneciam à margem, a extensão amplia o campo epistemológico da moda e a reposiciona como linguagem social, como prática cultural e como instrumento de emancipação.

Gerir a educação sob a perspectiva da extensão é, portanto, aprender continuamente. É reconhecer que a gestão não se aprende somente nos regulamentos e manuais, mas também nos encontros, nos conflitos e nos processos que emergem do cotidiano. É um aprendizado que se constrói a partir da experiência vivida e compartilhada — uma aprendizagem “em comunhão”, como afirma Freire (1983, p. 78), na qual a escuta é o ponto de partida e o diálogo, a matéria-prima da ação. Nesse movimento, a gestão se torna também prática pedagógica: ao organizar, mediar e sustentar as ações, ela educa, inspira e forma sujeitos comprometidos com o bem comum.

A extensão, nesse percurso, configura-se como tecnologia social de gestão — um modo de operar a instituição pública em rede, de modo horizontal e colaborativo. Ela desafia as fronteiras entre as funções clássicas da educação superior, dissolvendo hierarquias entre gestores, professores, técnicos e estudantes, e instaurando um campo de coautoria e corresponsabilidade. Por meio da extensão, o curso se reorienta para fora de si mesmo, lembrando que sua legitimidade nasce não do isolamento, mas do diálogo com o território. Como enfatiza Síveres (2013), as instituições de ensino superior devem “responder às necessidades da sociedade, promovendo a aprendizagem ao longo da vida e o desenvolvimento humano sustentável”. Essa é precisamente a lição que a prática extensionista imprime na gestão: a consciência de que a educação pública é um bem comum, que só se mantém vivo quando compartilhado.

O futuro da extensão no curso de Design de Moda do IFB se desenha a partir dessa mesma lógica de costura entre o saber e o fazer, entre o local e o global. O horizonte que se abre aponta para a consolidação de serviços

e consultorias especializadas em moda, voltadas a empreendedores da confecção, profissionais da economia criativa, arranjos produtivos locais e produções de figurinos. Essa nova fase pretende fortalecer a interação com o setor produtivo, não sob a lógica da prestação de serviço mercadológica, mas sob o princípio da formação socialmente útil e tecnicamente qualificada. Trata-se de um projeto que busca transferir conhecimento, tecnologia e sensibilidade estética à comunidade, enquanto forma os estudantes em contextos reais de atuação. Nesse modelo, a extensão se tornará também um espaço de incubação criativa e de inovação social, no qual o curso se projeta como referência pública e colaborativa para o campo da moda no Distrito Federal.

Assim, o aprendizado da gestão, no contexto da extensão, é um aprendizado sobre o próprio ato de educar: exige atenção, escuta, paciência e coragem. A cada projeto realizado, o curso reafirma que educar é costurar laços e que o tecido da educação pública se sustenta porque é feito de múltiplas mãos. A gestão, enquanto gesto artesanal, mantém vivo o compromisso ético e estético com o território, e a extensão, como fio condutor, garante que essa costura nunca se feche. O curso de Design de Moda do IFB segue, assim, alinhando o presente ao futuro, costurando saberes e afetos, reafirmando que a moda – quando pública, diversa e compartilhada – é também um ato de transformação social<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Correção gramatical realizada por: Bianca Nascimento. Graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. UFRJ (2008).

E-mail: [biancanascimento@gmail.com](mailto:biancanascimento@gmail.com)

## Agência de pesquisa financiadora da pesquisa

Não Aplicável.

## Declaração de conflito de Interesses

Os autores declaram não ter conhecimento de conflitos de interesses financeiros ou relacionamentos pessoais que possam ter influenciado o trabalho relatado neste artigo.

## Declaração de Contribuição dos Autores e Colaboradores (CRediT - Contributor Roles Taxonomy)

Francisco Nunes dos Reis Junior: Concepção do estudo; Metodologia; Redação (rascunho original); Estruturação do manuscrito.

Suzana Curi Guerra: Redação – Concepção do estudo; Redação (seções específicas do manuscrito); Curadoria de dados visuais.

Priscila Bosque: Redação (revisão e edição final); Consolidação do manuscrito e garantia de coerência textual.

Todos os autores contribuíram para a concepção inicial da ideia do estudo e aprovaram a versão final do manuscrito.

## Declaração de Uso de Inteligência Artificial

Durante a preparação deste trabalho, os autores utilizaram o ChatGPT (OpenAI) com a finalidade de verificar a gramática e melhorar a clareza da linguagem. Após o uso dessa ferramenta/serviço, os autores revisaram e editaram o conteúdo conforme necessário e assumem total responsabilidade pelo conteúdo da publicação.

## Material suplementar

Todos os dados necessários para reproduzir os resultados estão contidos no próprio artigo.

## Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao Instituto de Brasília – Campus Taguatinga, por apoiar as exposições realizadas e citadas neste artigo.

## Referências

FARIAS, G. B. L. de; RODRIGUES, R. S.; CARDOSO, S. R. P. **A extensão acadêmica como ferramenta para aprendizagem no ensino superior**. Holos, Natal, v. 35, n. 2, e9133, 2019.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. Disponível em: <https://fasam.edu.br/wp-content/uploads/2020/07/Extensao-ou-Comunicacao-1.pdf>. Acesso em: 28 out. 2025.

INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA. **Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda – Campus Taguatinga**. Brasília: IFB, 2023.

PESSOA, A. S. G.; ZAPPE, J. G. (org.). **Ações extensionistas de universidades brasileiras: navegando com pessoas, coletivos e instituições por justiça e promoção de direitos humanos**. Santa Maria: Editora UFSM, 2025.

SÍVERES, Luiz (org.). **A extensão universitária como um princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.